

Ceilândia, 27 anos de amor e trabalho

JORNAL DE BRASÍLIA

28 MAR 1998

ADRIANA BAUMGRATZ

A funcionária pública aposentada Maria Ivanice de Lima, 61 anos, assistia emocionada ao desfile cívico ontem de manhã, na Praça da Administração de Ceilândia, nas comemorações do 27º aniversário da cidade. Para quem chegou à cidade há 27 anos, na época da invasão, enfrentou o cerrado e a terra vermelha, ontem era dia de festa. Ivanice se recorda dos primeiros dias na cidade praticamente abandonada. Ela, o marido e os cinco filhos vieram da invasão do Núcleo Bandeirante, a exemplo de dezenas de famílias que escolheram Ceilândia para morar.

A família morou num barraco de madeira durante 12 anos, na QMN 3. Hoje, espaço é o que não falta na casa de alvenaria, onde Ivanice divide os cômodos com três netos. O marido, que trabalhava como marceneiro, morreu. Apenas um filho ainda mora na Ceilândia. A aposentada já se

acostumou com a lugar. Não pensa em se mudar. "Quero ficar aqui pra vida toda", afirma.

Ela não tem reclamações. Se no passado enfrentou problemas como falta de luz, água, saneamento básico e asfalto, hoje, acha que a cidade tem de tudo. "Aqui não falta nada, só um pouco mais de segurança. Os vizinhos são muito bons", completa.

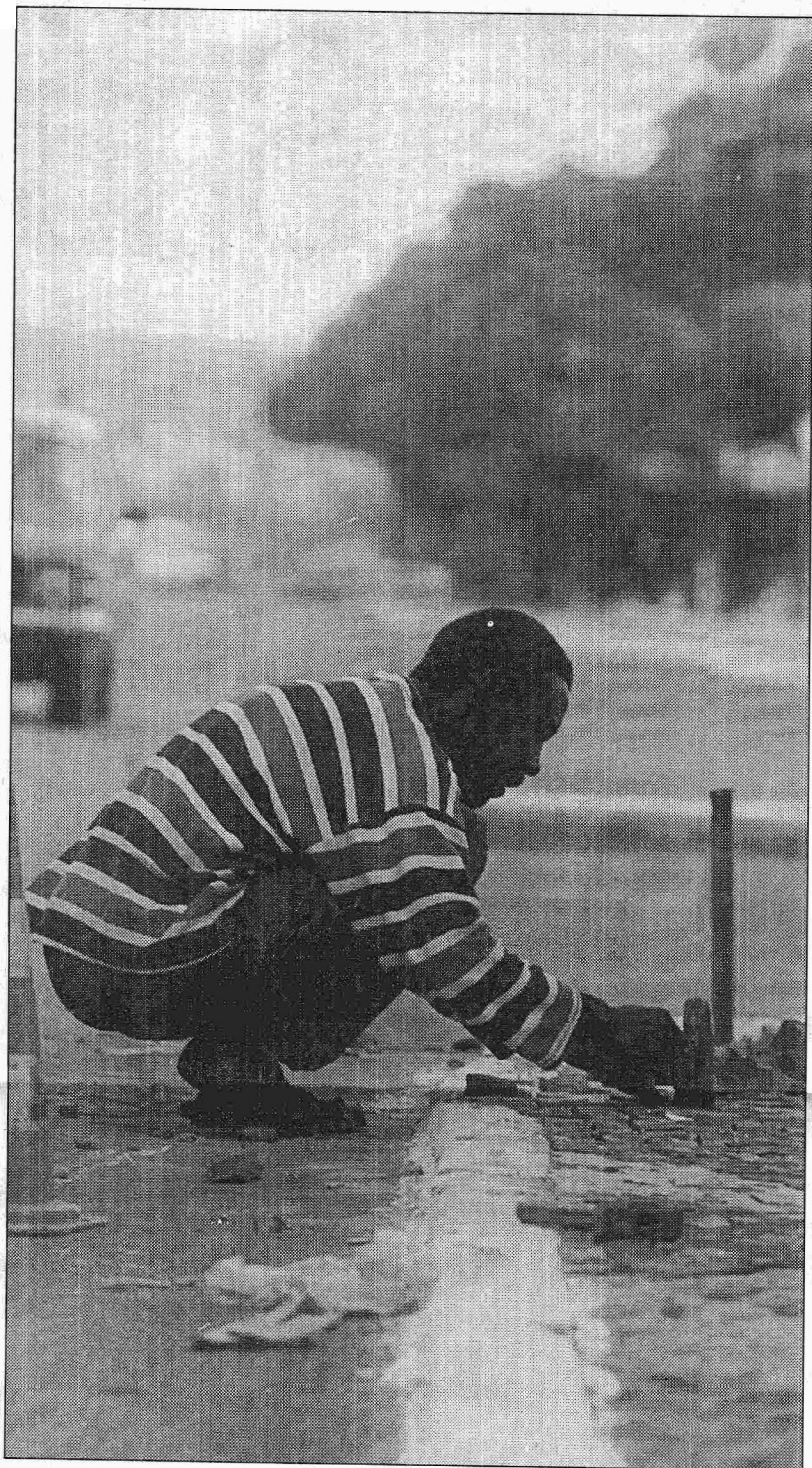
O aposentado Gonçalo Rodrigues de Freitas, 63 anos, concorda. Ele foi outro que chegou à cidade no período da invasão — as invasões se formavam em torno dos canteiros de obras e foram removidas em março de 1971 para o novo local, denominado Ceilândia. Gonçalo veio do Rio de Janeiro. "Antes não tinha nada aqui. Era só cerrado. Lembro que a gente queimava lenha à noite para esquentar a água do banho e cozinhar.". O aposentado garante que não falta nada na cidade. "Encontro de

tudo. Fiz muitos amigos. Meus dois filhos moram aqui".

Juventude

A estudante Alessandra Gomes, 20 anos, nasceu na Ceilândia. Confessa que, apesar das poucas opções para o lazer dos jovens, não escolheria outro lugar para morar. "As pessoas são muito boas. Já me acostumei aqui", explica. Alessandra, no entanto, reclama. Como a maioria dos jovens, ela gosta de se divertir, sair à noite e curtir um bate-papo com os amigos no bar.

Na satélite, acrescenta, não há muito o que fazer à noite. Não são raros os finais de semana em que a estudante acaba ficando em casa, sem oportunidade de se divertir. "Ceilândia fica animada quando ocorrem shows na Praça da Administração", prossegue. Para Alessandra, é preciso que se invista mais em lazer e atividades esportivas nas praças. Também falta um cinema.



PERTO dos 30 anos, Ceilândia se preocupa com a aparência